

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 312

Data: 07.11.84

Pg.: _____

Na região dos pataxós, volta a 'paz armada'

190
LEÃO SERVA
Editor-assistente da Ilustrado

Depois de um fim de semana tenso, quando o índio pataxó há-há-hae Antônio Júlio da Silva, cinquenta anos, foi alvejado na cabeça por um tiro de rifle calibre 44 disparado por jagunços supostamente a mando do proprietário da fazenda Paraíso, Marcos Vinicius Vanderley, a pequena cidade de Pau Brasil (vinte mil habitantes, a 580 quilômetros de Salvador) parece ter voltado à paz armada em que tem vivido nos últimos dois anos.

Cravada no meio de uma vasta região cacauieira, Pau Brasil não parece estar fora de seu cotidiano. Em meio a paisagem típica do cacau, quem chega à sede do município defronta-se com uma sucessão de fazendas de sedes suntuosas e colônias de evidente pobreza convivendo lado a lado.

Na pequena sede do município pouca coisa revela a alteração no cotidiano lento e modorrento. As pessoas garantem que tudo não passa de "boatos", "coisa de repórter", "eu mesma ouço tudo pela televisão", afirma uma velhinha com uma ponta de sorriso. "Você é repórter?", completa com ironia. Na Prefeitura, o chefe do contingente local de seis soldados da PM, um sargento que evita dar o nome ("eu sou militar, não posso dar declarações sem auto-

rização superior"), garante que a situação tensa do fim de semana já foi dissipada com a presença de trinta policiais militares e quatro agentes da Polícia Federal vindos de Ilhéus. Acrescentou que os trinta policiais trabalham "dias e noites" fazendo um cinturão de proteção à fazenda São Lucas, de 120 hectares, ocupadas pelos índios por decisão judicial desde novembro do ano passado.

Os agentes da PF, pude encontrar na mesa do bar do hotel Tina, um dos dois únicos de Pau Brasil onde estão hospedados. Conversavam animadamente tomando cerveja, ostentando seus revólveres a quem quisesse ver. Entrevistados, insistiram em que a ordem já foi restabelecida no Município. "O perigo maior, disse o mais falador dos quatro agentes, está nas armas que aqui todo mundo tem". Pergunto se os índios também estão armados. "Consta que sim, não é?", responde evazivo. Certamente, a essa altura dos acontecimentos o mais improvável é que eles ainda estejam de posse das armas que tinham. O mesmo não se diz dos jagunços da região, estes soldados desconhecidos, que após um assalto perdem-se entre as fazendas.

Movimento de carros

Antes e depois do tiroteio da noite de sexta-feira, era intenso o movimento de carros homens armados

entrando e saindo da fazenda Paraíso, diz o noticiário dos jornais baianos. Durante toda a semana passada, segundo o jornal "A Tarde", de Salvador, citando fontes da Funai, homens armados andaram pela cidade de Pau Brasil fazendo arruaças. As pessoas da cidade, quando entrevistadas, negam. No entanto, no final da última semana, quando o cacique Pataxó, Néelson Saracura, voltava de viagem a Salvador onde foi em busca de auxílio da Funai, o carro que o levava de volta a reserva foi seguido por um Fiat branco, cujos ocupantes fizeram disparos contra a placa da Funai, que marca a entrada da fazenda São Lucas e depois dirigiram-se a vizinha fazenda Paraíso.

O mesmo jornal em sua edição de ontem, dizia que os fazendeiros têm realizado batidas à moda policial contra carros e ônibus que atravessam o Município, pressionando assim os índios a manterem-se dentro dos limites de sua reserva.

Com o crânio atravessado pela bala de calibre 44, o índio Antônio Júlio passou o fim de semana e a segunda-feira em estado de coma e ontem recuperou a consciência, mas de forma sombria. Responde a perguntas simples. Todo o seu lado esquerdo está paralisado e no hospital Amec, onde esteve internado, ninguém acredita em sua recuperação.